

Disciplina	Professores(as)	Linha de Pesquisa	Dia /Hora	Data de início das aulas	Sala
1. Teoria da História e Pós-Estruturalismo: Fronteiras	Sérgio Duarte	Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História	2ª feira – 14h às 18h	09/03/2020	História 03
2. História e Literatura no Brasil da Revolução de 1930. Exploração, Existência e Desespero: os trabalhadores no neorealismo literário brasileiro da década de 1930.	João Alberto	Poder, Sertão e Identidade	2ª feira – 14h às 18h	09/03/2020	História 01
3. Feminismos e Epistemologias Decoloniais: diálogos, interfaces e discussões contemporâneas	Ana Carolina Leandro	Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História	3ª feira – 14h às 18h	03/03/2020	História 01
4. Temáticas sobre a História de Goiás	Cristina	Poder, Sertão e Identidade	3ª feira – 14h às 18h	03/03/2020	História 03
5. Estudos sobre poder e religião na Baixa Idade Média	Armênia	História, Memória e Imaginários Sociais	4ª feira – 08 às 12h	04/03/2020	Sala de Reuniões PPGH
6. Memórias e Disputas: reflexões sobre patrimônios culturais	Yussef	História, Memória e Imaginários Sociais	4ª feira – 14 às 18h	04/03/2020	História 01
7. História da Historiografia como História Intelectual	Tiago Almeida	Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História	4ª feira – 14 às 18h	04/03/2020	História 03
8. História da Guerra Fria na América Latina	Carlo Patti	Ideias, Saberes e Escritas da (e na) História	5ª feira – 14h às 18h	05/03/2020	História 01
9. I Colóquio: Didática da História e Educação Histórica: Teoria e Pesquisa	Maria da Conceição	Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História	5ª feira – 14h às 18h 6ª feira – 08h às 12h	05/03/2019 (termino: abril)	Sala de Reuniões do PPGH

10. Abordagens metodológicas em história, história da arte e da imagem	Maria Elizia	História, Memória e Imaginários Sociais	5ª feira – 14h às 18h 6ª feira – 08h às 12h	07/05/2019	Sala de Reuniões do PPGH
---	--------------	---	--	------------	-----------------------------

Oferta de Disciplinas 2020/1 – MESTRADO E DOUTORADO

Ementas

1. Teoria da História e Pós-Estruturalismo: Fronteiras - Trata-se de localizar a relevância do Pós-Estruturalismo para a Teoria da História. A tese que sustenta o curso é a de que em torno de uma filosofia da fronteira essa relevância pode ser encontrada.

2. História e Literatura no Brasil da Revolução de 1930. Exploração, Existência e Desespero: os trabalhadores no neorealismo literário brasileiro da década de 1930. - O neorealismo do “Romance de 30” no Brasil como documento historiográfico. Escritores e trabalho intelectual na década de 1930. Escritores nacionalistas (comunistas e católicos) e espaços institucionais de cultura (jornais, revistas, editoras e livrarias). Política e ideologias de classe no romance (Georg Lukács, Lucien Goldmann e Jacques Leenhardt). “Visão de mundo” e classes sociais (Karl Mannheim e Lucien Goldmann). “Narrar ou descrever”: polêmicas marxistas sobre o realismo na literatura (Lukács e Adorno). Autores, personagens e enredos: determinações (Lucien Goldmann e João Bernardo). Literatura, gênero e classe social – a mulher trabalhadora. História e Literatura na geografia dos sertões e das cidades do capitalismo brasileiro da Revolução de 30. A Revolução de 30 e a organização industrial do capitalismo brasileiro. Getúlio Vargas e o nacionalismo corporativista. Classes sociais e política nos “sertões” do capitalismo brasileiro: lutas sociais e frente nacional-aliancista. Estado nacional e organização das condições gerais de produção (João Bernardo) na formação social capitalista brasileira da década de 1930. Força de trabalho, alienação e realização do Valor (Marx). Industrialização: campo (usinas) e cidade (fábricas). Trabalhadores camponeses, operários e demais trabalhadores urbanos: a narrativa literária da força de trabalho diante da expropriação capitalista. Necessidade e determinação nos cemitérios do latifúndio e nos necrotérios das cidades do valor: personagens, existência e desespero no “cotidiano das sobrevivências humilhadas” (Raoul Vaneigem). O escritor e os personagens: trajetórias político-institucionais de realidades históric-literárias em oito estudos de caso. Os romances neorealistas de: Amando Fontes (Aracaju, SE) – Os Corumbas (1933); Patrícia Galvão (São Paulo, SP) – Parque industrial (1933); Lúcio Cardoso (Pirapora, MG) – Maleita (1934); José Lins do Rego (“Usina Bom Jesus”, Rio Paraíba, PB) – Usina (1936); Dyonélio Machado (Porto Alegre, RS) – Os ratos (1935); Ranulpho Prata (Santos, SP) – Navios iluminados (1937); Graciliano Ramos (“Sertão”, AL) – Vidas secas (1938); e Marques Rebelo (Rio de Janeiro, RJ) – A estrela sobe (1939).

3. Feminismos e Epistemologias Decoloniais: diálogos, interfaces e discussões contemporâneas – A presente disciplina terá como ponto central de discussão sobre os feminismos contemporâneos, as epistemologias decoloniais e suas possibilidades de interseção com as pesquisas históricas. Partindo da

discussão da historicidade dos feminismos, suas pluralidades e peculiaridades, é possível pensar em novas fontes, abordagens e objetos das narrativas históricas evidenciando as formas como as narrativas do passado estão imbricadas com as lógicas dos poderes e dos privilégios. Pretende-se refletir sobre a historiografia contemporânea produzida no campo da História das Mulheres, das Relações de Gênero e dos Feminismos para compreender os diálogos, as interfaces e as discussões contemporâneas possíveis realizadas no campo das Humanidades, e em específico, nas pesquisas de História.

4. Temáticas sobre a História de Goiás – Apresentar e analisar as diversas tendências teórico-metodológicas da produção do conhecimento histórico sobre a história de Goiás a partir de conceitos/temas e práticas de investigação: compreender as diferentes abordagens metodológicas como análise de manuscritos, periódicos, iconografia e seus significados em relação ao conhecimento histórico.

5. Estudos sobre poder e religião na Baixa Idade Média – Pretende-se neste Curso perscrutar sobre poder e religião na Idade Média levando em conta tanto as propostas doutrinárias da Igreja para a construção de um modelo de homem para a “Cristandade”, como as questões inerentes ao poder temporal e suas simbologias político-religiosas, além das formas de “espiritualidade” e práticas devocionais presentes no imaginário coletivo dos homens e mulheres do medievo.

6. Memórias e Disputas: reflexões sobre patrimônios culturais - A intenção ao ofertar essa disciplina é a de pensar como um dos campos de disputas pela e para a memória – o patrimônio cultural – não dispensa reflexões sobre conceitos, abordagens e problematizações indicadas e encaradas por diversas áreas do conhecimento, bem como análises sobre os diferentes meios de apropriações por políticas públicas e práticas culturais. Assim, discorrer-se-á sobre História, Nação, Construção e Ação Social, Cultura, Normatização, Justiça, Trauma, Raça, Identidade, Reivindicações, História Oral, Alteridade e Diversidade, Decolonização, e até Economia, sempre medidos pelas réguas da Memória e do Patrimônio Cultural.

7. História da Historiografia como História Intelectual - A disciplina propõe uma reflexão sobre a ideia de História da Historiografia como uma forma de História Intelectual, tal como proposta por François Hartog, ou seja, em suas palavras, como uma abordagem que busca “construir um objeto tornando-o mais complexo”, uma espécie de “inquietude da história” consigo mesma. Pensada como História Intelectual, a História da Historiografia não se limita ao estudo dos historiadores de formação e de ofício, mas considera também as obras daqueles que Hartog chamou de *outsiders* da história, “filósofos, intelectuais, escritores que, no geral, foram mais relevantes do que gerações de honestos *insiders* para os debates e interrogações sobre aquilo que era, não era, poderia ser a história”. Essa reflexão será desenvolvida a partir do estudo de um caso concreto, as contribuições de Gaston Bachelard, Georges Canguilhem e Michel Foucault para a emergência e configuração de uma nova forma de pensar e fazer a História das Ciências. O trio de filósofos-historiadores franceses costuma ser identificado como a espinha dorsal da “Epistemologia Histórica”, que já foi designada pela historiografia como uma “escola”, uma “tradição” ou ainda, mais recentemente, como um “estilo” historiográfico, e as semelhanças (muitas delas imaginárias) entre suas propostas

teórico-metodológicas para a história das ciências já foram explicadas tanto pelos textos quanto pela relação mestre-discípulo e vínculos institucionais. Mas o que torna o caso Bachelard-Canguilhem-Foucault exemplar para a reflexão sobre o tema geral da disciplina é o fato de que sua história se confunde com a história da constituição de um novo objeto de investigação para os historiadores, as “ciências”, e é parte importante da história da constituição do campo da História das Ciências, que durante muito tempo foi deixado “do lado de fora” dos domínios da História, mas hoje é uma disciplina histórica de plenos direitos, presente nos currículos de alguns dos principais cursos de História do país. Atenta aos conceitos, mas sem ser internalista, e aos contextos, ao mesmo tempo em que rejeita o externalismo, essa História da Historiografia como História Intelectual levanta perguntas como: Quais as transformações necessárias para que a História das Ciências se tornasse uma disciplina de historiadores? Quais concepções de “ciência” difundidas entre os historiadores refrearam ou permitiram a transformação das ciências em um objeto da história? Como explicar a falta de diálogo entre as duas principais tendências historiográficas francesas do século passado, os *Annales* e a *Épistémologie Historique*? Quais elementos permitem identificar ou rejeitar a existência de uma filiação real entre Bachelard, Canguilhem e Foucault? Quais as contribuições de Bachelard, Canguilhem e Foucault para os debates sobre a multiplicidade dos tempos históricos? Como se constituiu e quais os traços da “identidade historiadora” desses três filósofos? Pretendemos, assim, que as respostas a esse questionário elaborado a partir de um caso específico possam contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as formas de escrita da História da Historiografia. OBSERVAÇÃO: Textos de leitura obrigatória em inglês, espanhol e francês.

8. História da Guerra Fria na América Latina – Este curso visa apresentar novas abordagens para o estudo da Guerra Fria na América Latina. Recentemente, novas pesquisas e debates focaram no significado de Guerra Fria na América Latina, nas suas origens e nos seus protagonistas. Da mesma forma, esta literatura dá particular atenção ao grau de envolvimento das superpotências e à relevância do conflito bipolar nos âmbitos local, regional e global. Por essa razão, o curso tratará de casos de estudo específicos e os estudantes serão encorajados a explorar dinâmicas intra-regionais e transnacionais da Guerra Fria. O curso será baseado sobretudo no estudo e na discussão desta literatura. Os estudantes também serão estimulados a consultar as transcrições de entrevistas de história oral, assim como fontes primárias disponíveis online.

9. I Colóquio: Didática da História e Educação Histórica: Teoria e Pesquisa - Leituras e análises de pesquisas em estágio de desenvolvimento pelos pós-graduandos no PPGH/UFG. Prioriza o campo de investigação da Didática da História: extra e intra científico e escolar da História. O contexto de produção da History Education nos países anglo-saxônicos e em Portugal. A influência da Educação Histórica no Brasil. Conceitos Epistemológicos e Conceitos Substantivos e o ensino da História. Os procedimentos da pesquisa em Educação Histórica e suas consequências para o ensino. As distinções e aproximações entre a Didática da História Alemã e a Educação Histórica anglo-saxônica. A pedagogização do ensino de História e a noção de um ensino de História situado na Ciência de Referência. Didática da História, Educação Histórica e materiais didáticos, Educação Histórica e História Regional. Educação Histórica e Currículo.

10. Abordagens metodológicas em história, história da arte e da imagem – A disciplina tem como objeto de análise as abordagens metodológicas que estudam a imagem sob a perspectiva da história e da história da arte internacional e brasileira. Uma reflexão crítica sobre processos de significação e de juízo estético e sociocultural em algumas produções artísticas pictóricas, escultóricas e fotográficas. Propõe também discutir os diversos enfoques de interpretação artística de autores que situam seu discurso entre o estético, o histórico e o cultural.